

Gregório de Matos

Poemas Escolhidos

Biografia

- Gregório de Matos Guerra
- Salvador, 1636 – Recife, 1696
- Filho de um “senhor de engenho”
- Estudou na Universidade de Coimbra
- Juiz e advogado
- Volta ao Brasil em 1679
- Rápida passagem pelo clero católico
- Deportado para Angola em 1694

Problemas de Edição

- Nunca publicou um livro durante a vida
- Poeta popular e reconhecido no seu tempo
- Obra registrada em 10 manuscritos
- Cerca de 750 poemas
- Edição: “Poemas Escolhidos”
(= 174 poemas)

Mitos e crítica literária

- 1º biógrafo – séc. XVIII: Manuel Pereira Rebelo
 - Viola de cabaça (música e oralidade)
 - Pobreza extrema
 - Contra os poderosos
- Românticos: nativista, interesse por questões nacionais, anti-lusitanas (séc. XIX)
- Realistas: pervertido, vulgar e pornográfico (séc. XIX)
- Anos 1960 : poeta à margem da sociedade e crítico
- Concretistas: amplo uso de recursos poéticos criativos
- Anos 1980: releitura com base na reconstrução das ideias época

Contexto Histórico

- Império Lusitano
- Pacto Colonial
 - Exportação de açúcar, importação de escravos
- Ciclo da Cana
 - crise do açúcar, dificuldades de distribuição e de refino
- Conflito com holandeses
 - Invasão em Pernambuco e guerra comercial
- Ideias da Contrarreforma

Contexto histórico - cotidiano

- Engenhos de cana e senhores de engenho
- Oligarquia colonial pedante
- Diversidade étnica: índios, portugueses, africanos e mestiços. Opressão
- Estabelecimento da cultura escravista
- Dificuldades na produção de alimentos
- Produtos caros no mercado
- Evasão de ouro
- Furto em todas as escalas

Barroco

- Estilo literário do século XVII
- Textos complexos definidos com base em critérios retóricos e poéticos
- Presença de gêneros literários variados
- Acúmulo de figuras de linguagem, em especial antíteses e paradoxos
- Evolução de ideias e raciocínio

É a vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida.

É planta, que de abril favorecida,
Por mares de soberba desatada,
Florida galeota empavesada,
Sulca ufana, navega destemida.

É nau enfim, que em breve ligeireza,
Com presunção de Fênix generosa,
Galhardias apresta, alentos preza:

Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa
De que importa, se aguarda sem defesa
Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?

Barroco – conceitos poéticos

- Definição de gêneros literários precisos
- Gênero: determina assunto e linguagem:
 - Lírico (amor e erotismo)
 - Religioso
 - Encomiástico (elogioso)
 - Satírico
- Versificação e rima variadas
- Tipo de linguagem
 - modo de elocução baixo: linguagem simples, que pode incluir palavras de baixo calão, oralidade, gírias
 - modo de elocução elevado: palavras eruditas e construções sofisticadas

Gêneros Literários

Gênero	Assunto	Elocução
Lírico Amoroso	declaração de amor, sintomatologia do amor, elogio da amada, sofrimento	Elevada
Lírico Erótico	sensualidade, beleza física da parceira, facilidade do ato sexual ou sua peculiaridade	Baixa
Religioso	retrato de valores morais e dogmas da fé, referência a santos e personagens religiosas	Elevada
Encomiástico	elogio do soberano (governador, general, autoridade), por conta de seus bons serviços	Elevada
Satírico	crítica aos vícios morais das pessoas por meio do riso agressivo	Baixa

Lírico Amoroso

- Elocução elevada
- Manifestação do eu lírico
- Declaração de amor
- Elogio da amada: descrição de suas belezas e encantos; respeito às virtudes morais
- Efeitos da amada no eu lírico – calor, frio, saudades, insônia...
- Sofrimento: retrato da não realização, término do relacionamento (elegia)

A Maria dos Povos, sua futura esposa

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:

Enquanto com gentil descortesia
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota a toda ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh não aguardes, que a madura idade
Te converta em flor, essa beleza
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Lírico Erótico

- Elocução baixa
- Situações reprováveis (clero, adultério, práticas sexuais sem efeitos reprodutivos)
- Manifestação do eu lírico
- Declaração do desejo sexual – ênfase no erotismo
- Descrição de suas belezas e encantos
- Ambiguidades e gracejos

A uma freira que satirizando a delgada
fisionomia do poeta lhe chamou "Pica-Flor".

Se Pica-Flor me chamais,
Pica-Flor aceito ser,
Mas resta agora saber,
Se no nome que me dais,
Meteis a flor que guardais
No passarinho melhor!
Se me dais este favor,
Sendo só de mim o Pica,
E o mais vosso, claro fica,
Que fico então Pica-Flor.

Poesia Religiosa

- Elocução elevada
- Manifestação do eu lírico
- Declaração de adesão aos preceitos da fé
- Influência da Contrarreforma
- Hino: louvor religioso dedicado às figuras da fé
- Festas religiosas e passagens Bíblicas
- Teologia: escape para a Filosofia

A Cristo N.S. crucificado estando o poeta
na última hora de sua vida

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja lei protesto viver,
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso, constante, firme, e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor, e meu delito,
Porém pode ter fim todo o pecar,
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar.

Poesia Encomiástica

- Elocução elevada
- Manifestação do eu lírico
- Elogio do Soberano, por seus feitos e ações
- Retrata aquilo que é louvável
- Adequado moralmente

Chegando à Bahia o arcebispo d. João Franco de Oliveira,
que havia sido bispo de Angola

Hoje os Matos incultos da Bahia
Se não suave for, ruidosamente
Cantem a boa vinda do Eminente
Príncipe desta Sacra Monarquia.

Hoje em Roma de Pedro se lhe fia
Segunda vez a Barca, e o Tridente,
Porque a pesca, que fez já no Oriente,
A destinou para a do meio-dia.

Oh se quisera Deus, que sendo ouvida
A Musa bronca dos incultos Matos
Ficasse a vossa púrpura atraída!

Oh se como Arion, que a doces tratos
Uma pedra atraiu endurecida,
Atraísse eu, Senhor, vossos sapatos!

Sátira

- Gênero de poesia em que se atacam os desvios de conduta de alguém (invectiva)
- Manifestação da persona satírica, em geral indignada (olho que tudo vê)
- Elocução baixa
- Ambiguidades e gracejos
- Lei de proporcionalidade:
Pior o vício = Pior a linguagem

- Riso com dor: ferramenta de correção moral
- Ao denunciar o vício constrói a imagem da virtude
- Filosofia: definições de valores morais
 - Defesa da lógica do Império Português
(preconceitos religiosos, sexuais, sociais, raciais)
- Subtipos: sátira filosófica e sátira agressiva
- Musicalidade: métrica variada

Invectivados - I

- Aqueles que são atacados por seus desvios:
- Nobreza Caramuru: fidalgos arrogantes, pretenciosos, misturados com índios
- Negro: origem do racismo nacional, decorrente da condição de escravo
- Mulato: mestiço, pretencioso, arrogante e vinculado com a escravidão
- Índio: inculto, rude e atrasado

Invectivados - II

- Clero: interesseiro, glutão, materialista e sensual
- Políticos: incapazes de gerir a colônia
- Militares: abuso do poder e da violência
- Judeus, muçulmanos e protestantes: infiéis
- Novos ricos: comerciantes que roubam

Temas Recorrentes

- Furto, do ladrão ao político
- Desvio do ouro, empobrecimento do reino
- Desrespeito à hierarquia social
- Tentativa de ascensão social a todo o custo
- Preços elevados dos produtos nos mercados
- Proximidade com os escravos e mulatos
- Vícios disfarçados de virtudes, dissimulação
- Pecados em geral

A certa personagens desvanecida

Um soneto começo em vosso gabo;
Contemos esta regra por primeira,
Já lá vão duas, e esta é a terceira,
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo:
A sexta vá também desta maneira,
na sétima entro já com grã canseira,
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?
Direi, que vós, Senhor, a mim me honrais,
Gabando-vos a vós, e eu fico um Rei.

Nesta vida um soneto já ditei,
Se desta agora escapo, nunca mais;
Louvado seja Deus, que o acabei.

Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar a cabana, e vinha,
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um frequentado olheiro,
Que a vida do vizinho, e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,
Para a levar à Praça, e ao Terreiro.

Muitos Mulatos desavergonhados,
Trazidos pelos pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados,
Todos, os que não furtam, muito pobres,
E eis aqui a cidade da Bahia.

Descreve a vida escolástica

Mancebo sem dinheiro, bom barrete,
Medíocre o vestido, bom sapato,
Meias velhas, calção de esfolagato,
Cabelo penteado, bom topete.

Presumir de dançar, cantar falsete,
Jogo de fidalguia, bom barato,
Tirar falsíδια ao Moço do seu trato,
Furtar a carne à ama, que promete.

A putinha aldeã achada em feira,
Eterno murmurar de alheias famas,
Soneto infame, sátira elegante.

Cartinhas de trocado para a Freira,
Comer boi, ser Quixote com as Damas,
Pouco estudo, isto é ser estudante.

Vícios
Modo Baixo
Desvio

Virtudes
Modo Elevado
Modelo

Satírico

Encomiástico

Lírico Erótico

Religioso

Lírico Amoroso

